

HERMÍNIO SILVA

Pelas numerosas coordenadas geográficas que determinou quando assistente do Observatório Nacional; por sua condição de meteorologista, de longo tirocínio na direção de serviços climatológicos e aerológicos; e como organizador, que foi, de boletins meteorológicos anuais no período de 1911 a 1919 e do primeiro volume de normais climatológicas, o engenheiro HERMÍNIO MALHEIROS FERNANDES SILVA (1885-1947) deixou seu nome ligado às atividades geográficas brasileiras no amplo setor da geografia física.

Nos "Anuários" daquele Observatório, em quadros relativos à declinação magnética no Brasil, com as coordenadas geográficas das localidades a que se referem as declinações, figuram, inúmeras vezes, na coluna do nome do "observador", as iniciais H. S., que significam HERMÍNIO SILVA.

Assim, no "Anuário" de 1934, de págs. 403 a 414, constam como tendo sido por ele determinadas as posições geográficas e a declinação magnética das seguintes localidades, do norte para o sul: Cururupu, São Luís, Amaração, Coroaá, Peritoró, Rifaina, Franca, Itapura, Ribeirão Preto, Miguel Calmon, Casa Branca, Presidente Pena, Caxambu, Pouso Alegre, Ouro Fino, Moji-Guaçu, Passa-Quatro, Itajubá, Barra do Pirai, Queluz, Guaratinguetá, Tietê, Jundiá, Jacarei, Moji das Cruzes, São Roque, São Paulo, Itapetininga, Faxina, Itararé, Pirai, Ponta Grossa, Irati, Porto União da Vitória, Erval, Marcelino Ramos, Passo Fundo, Cruz Alta, Santa Maria da Bóca do Monte, Cacequi, Rio Pardo, Cachoeira, Barra do Quaram, São Gabriel e Bajé.

Ouvimos, certa vez, do professor ALÍLIO HUGUENY DE MATOS, então chefe da meritória campanha de coordenadas geográficas, promovida pelo Conselho Nacional de Geografia, que, na revisão das determinações antigas, aceitava sempre de plano as anteriores feitas por HERMÍNIO SILVA, tal a confiança que lhe inspirava a proficiência técnica e a probidade daquele profissional.

Modesto, despreocupado de sua própria competência, a que, parece, não atribua qualquer importância, nenhum livro deixou publicado, ou sequer escrito, de sua autoria. Seu trabalho silencioso foi, — digamo-lo simbolicamente, — prender, com alfinetes de precisão, em grande número de pontos, o mapa do Brasil no terreno brasileiro.

Afora seus trabalhos oficiais, esquecidos, como sói acontecer, nos arquivos mortos das repartições, a que se destinaram; e apontamentos e notas pessoais de seus estudos, só se poder encontrar alguns artigos, ou entrevistas, à imprensa diária ou periódica; assim: "Sondando o Oceano Aéreo", em "O Jornal"; e uma entrevista a "O Malho", vulgarizando conhecimentos astronômicos.

Esse natural retraimento à publicidade não significava fôsse ele um misântropo, um egoísta ou um excêntrico ensimesmado; ao contrário, era acessível, prestimoso, comunicativo; por vezes mesmo expansivo e jovial.

Apesar de sua espontânea operosidade, — dado esse feito próprio, — temperamento de cientista, que não pensava em si mesmo, mas apenas na exatidão do que estivesse observando, — sua biografia pode resumir-se em poucas linhas:

HERMÍNIO SILVA, — "o experimentado profissional... uma existência ativa e gloriosamente modesta", (fazendo nossas as palavras de EUCLIDES SOBRE SCHNOOR, e, completando-as, à maneira euclidiana), "que bem se avalia, vendo na carta do Brasil, — do Maranhão ao Rio Grande do Sul, — os inúmeros pontos do nosso território que ele fixou definitivamente, por suas coordenadas geográficas."

Nasceu na cidade do Rio de Janeiro a 20 de dezembro de 1885. Iniciou seus estudos primários em um colégio particular, dirigido por FREDERICO MAURICIO DRAENERT, o conhecido meteorologista alemão, que viveu longos anos em nosso país, autor, entre outros trabalhos, de valioso ensaio sobre "O clima do Brasil" (Rio de Janeiro, 1896).

Seu desejo, desde menino, fôra ser oficial de marinha, mas tendo adoecido gravemente, perdeu um ano durante o curso propedêutico e, com isso, ultrapassou, de uns poucos dias, talvez, a idade máxima exigida para ingressar na Escola Naval. Muito desgostoso por ver assim contrariada, em definitivo, sua verdadeira vocação profissional, (desgosto esse que parece ter subsistido, silencioso, por toda sua vida), decidiu, mas sem nenhum entusiasmo, aceitar outra carreira, tal fôsse a de engenheiro, por ser essa, das outras profissões, então existentes no Brasil e a ele acessíveis, a que mais se coadunava com seu pendor natural para as ciências matemáticas. Matriculado na antiga Escola Politécnica (hoje Escola Nacional de Engenharia), aí recebeu o grau de engenheiro geógrafo em 1905 e o de engenheiro civil em 1910.

Naquele mesmo ano de 1910 iniciou seus trabalhos profissionais de campo, nos serviços de exploração do ramal de Curralinho a Montes Claros, da E. F. Central do Brasil.

Em 1911 ingressou na antiga Diretoria de Meteorologia e Astronomia, do Ministério da Agricultura, como assistente de 2.ª classe da Secção de Astronomia. Procedeu ao levantamento topográfico da ilha do Ananás, na baía de Guanabara, para estudos magnéticos.

Em 1912, determinou a posição geográfica do Observatório Magnético de Vassouras e realizou as primeiras observações magnéticas nesse observatório. Determinou a posição geográfica de Silveiras. E fez parte da comissão do eclipse total do sol.

De 1913 a 1915 desempenhou a terceira comissão geográfica e magnética brasileira, tendo determinado posições geográficas e elementos magnéticos de 56 localidades ao sul do paralelo de 20.º assim distribuídas por sete Estados: no do Rio de Janeiro, 3; em São Paulo, 22; em Minas Gerais, 7; em Mato Grosso, 1; no Paraná, 3; em Santa Catarina, 2 e no Rio Grande do Sul, 18.

Em 1917 passou a assistente de 1.ª classe da Secção de Meteorologia, após concurso em que foi aprovado, com distinção unânime, isto é, com a nota mais alta em todas as matérias e provas. Determinou a posição geográfica da estação meteorológica de Itatiaia e a altitude do pico do mesmo nome. A propósito, esta revista publicou, no n.º 1 do ano X,

um comentário do Eng.^o MOACIR SILVA, sob o título 'Uma antiga determinação da altitude do pico do Itatiaia'.

Em 1920, organizou os boletins meteorológicos anuais desde 1911 a 1919; e o livro "Normas climatológicas". Por si e dirigindo uma equipe de auxiliares, cooperou na obra "Contribuição ao Estudo do Clima do Brasil", de HENRIQUE MORIZE que era, então, o diretor do Observatório Nacional e, simultaneamente, catedrático de Física e Meteorologia da antiga Escola Politécnica, desta capital.

Aparecida essa obra, em 1922, o Prof. MORIZE deixou escrita, no prefácio, fechando referência a êsses colaboradores: "A êles, pois, na pessoa de seu chefe, o Sr. Dr. HERMÍNIO FERNANDES SILVA, meus sinceros agradecimentos".

Em 1921 passou a meteorologista de 1.^a classe da Diretoria de Meteorologia, que, como repartição nova, sob a direção do ilustre meteorologista Dr. JOAQUIM DE SAMPAIO FERRAZ, se separara do Observatório Nacional. Estabeleceu, no Rio de Janeiro, o primeiro serviço sul-americano de sondagens atmosféricas por balões -piloto. Foi em comissão oficial aos Estados Unidos (Nebraska e outros pontos) para estudar o serviço aero-meteorográfico norte-americano e adquirir material científico (aparelhos, instrumentos, etc.) para o serviço meteorológico brasileiro.

O eminente Prof. MARVIN, diretor do "Weather Bureau" norte-americano, escreveu, então, ao Dr. SAMPAIO FERRAZ, felicitando-o pela escolha do representante que enviara aos Estados Unidos e declarando que o mesmo, sob o ponto de vista técnico, excedera de muito à expectativa.

Em 1922-1923 procedeu à montagem da primeira estação aero-meteorográfica sul-americana, em Alegrete, R. G. S.

Em 1926 participou de observações astronômicas internacionais para verificação de longitudes.

Em 1930 realizou a quinta comissão geográfica e magnética brasileira, ao norte do país (Maranhão).

Em 1932, por permuta com o Eng.^o MÁRIO CAMPOS RODRIGUES DE SOUSA, e a pedido d'êste, passou a assistente-chefe do Observatório Nacional e depois a diretor de Secção do Departamento de Indústria do Ministério do Trabalho.

Em 1933, retornou ao serviço meteorológico, como assistente chefe da Secção de Aerologia do então Instituto de Meteorologia e Ecologia.

De outubro de 1934 a 31 de agosto de 1936 exerceu o cargo de diretor do Serviço Meteorológico Brasileiro.

Em 1938-1939 esteve a serviço da Comissão Mista Brasileiro-Boliviana da E. F. Brasil-Bolívia, determinando coordenadas geográficas. Assim, fixou na faixa a ser atravessada por essa ferrovia transcontinental as seguintes posições, além de 18 localidades interjacentes:

COORDENADAS GEOGRÁFICAS DA E. F. BRASIL-BOLÍVIA

Localidade	Latitude Sul	Longitude de Greenwich
Corumbá	18°59'53",4	57°39'17",0
San Lorenzo	18°30'33",8	59°19'57",5
San José	17°50'38",2	60°44'15",7
Santa Cruz de la Sierra	17°47'20",0	63°10'30",7

Terminada sua missão junto à E. F. Brasil-Bolívia, regressou ao serviço meteorológico, onde atingiu ao último posto de sua carreira, no cargo de chefe da Divisão de Pesquisas, em cujo exercício se achava quando adoeceu gravemente, vindo a falecer, nesta capital, na madrugada de 11 de abril de 1947.

Desviado, mau grado seu, da carreira do mar, nem assim fugiu jamais ao seu fascínio indistarcável. Durante a mocidade, desde a adolescência, praticou o desporto náutico, tendo atingido mesmo, como remador, no Clube de Regatas Guanabara, a classe de veterano, que era, ao tempo, a mais alta no rowing brasileiro (só ultrapassada pela de campeão em canoê, barco de um só remador, banco de carrinho e sem timoneiro).

Certamente, por isso, por sua cultura física, sendo meio de altura, era bastante forte, apresentando mesmo, em moço, compleição atlética. Vindo a maturidade, abandonou o desporto, mas conservou a antiga robustez.

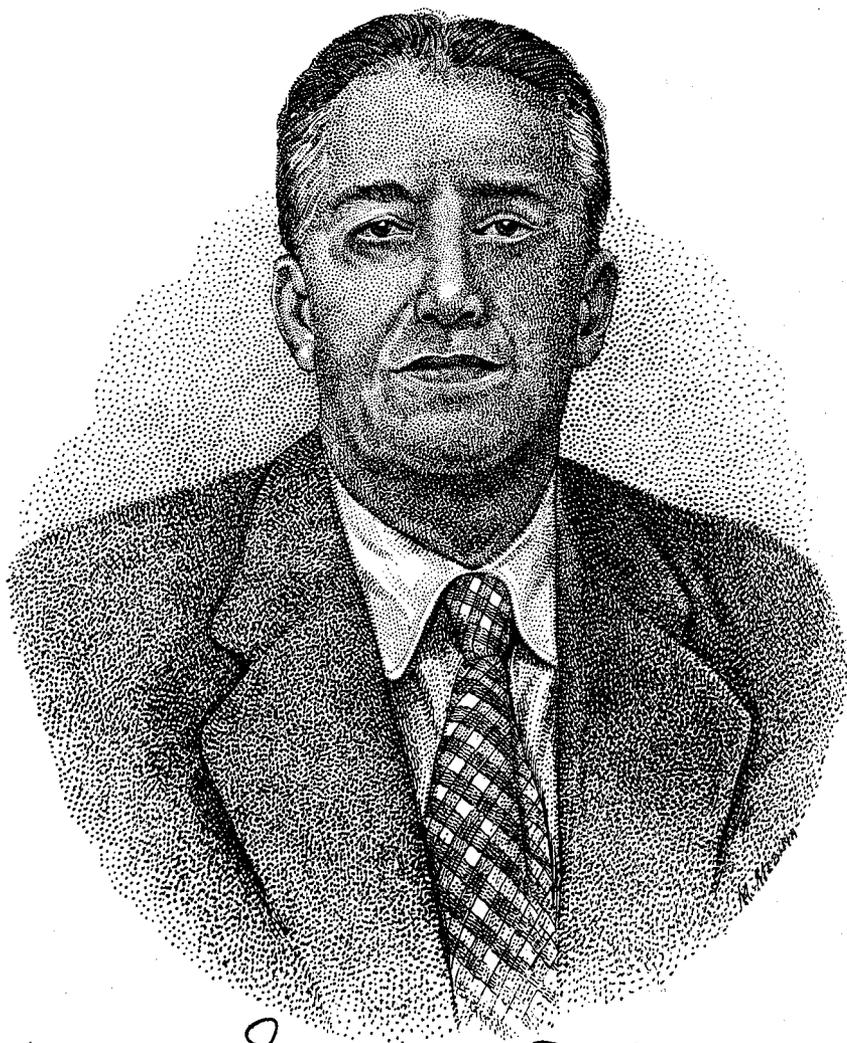
Preferiu sempre a residência nas proximidades do mar; a princípio, na praia do Flamengo, em criança, com seus pais, o que a miúdo recordava; depois na praia de Botafogo; mais tarde na Urca e finalmente, no Leblon. Parecia ir avançando no sentido do mar alto.

Descendente direto de navegadores (que, entre os seus ancestrais lusitanos, os houve e de longo curso, até da carreira da Índia), êle, que, como engenheiro, astrônomo-de-campo e meteorologista, muito palmilhou os sertões brasileiros, parecia sentir, ao vivo, — longe do mar, — aquela afirmação romântica do antigo escritor norueguês: "O mar consola quando se o vê e dá saudades quando se pensa nêle". (BJORNSTJERNE BJORNSON).

Tanto assim que, certa feita, escrevendo do interior, onde se achava trabalhando, a um colega íntimo, o engenheiro EUSÉBIO NAYLOR, lhe dizia HERMÍNIO, sempre saudosos do mar: — "Eusébio, você nunca vá para um lugar em que não possa ouvir o apito das embarcações ou o ronco de um navio"...

Segundo opinião médica, sua enfermidade fôra adquirida em consequência de uma queda que sofreu em um banho de mar. Assim, o velho Mar, o meio desejado de sua verdadeira vocação profissional, contrariada aliás pelo próprio destino, mas que apesar disso sempre o atraía irresistivelmente, foi ainda, em última análise, a sua verdadeira causa mortis.

MOACIR SILVA



Jerninio Silva